

Zilberman, Regina. *A literatura infantil na escola*. São Paulo: Global, 1987.

O texto se propõe a considerar a transitoriedade do leitor, criança e jovem, e do gênero - a dependência de um certo tipo de leitor, a criança, partindo de um prisma histórico. Nessa direção, tece suas considerações em cinco pontos fundamentais:

A criança, enquanto sujeito da educação, só passou a existir a partir do instante em que surgiu a preocupação, e a necessidade de prepará-la para o mundo. No contexto dessa preocupação surgem frequentes tentativas de confinamento do livro infantil ao didático, desconsiderando o caráter ficcional e a submissão à norma estética que lhe dá autonomia e natureza própria. Assim, a ideologização da literatura infantil tem um fundamento histórico que não pode ser negligenciado.

A constituição de um acervo de textos infantis fez-se por meio do recurso a um material pré-existente: os clássicos e os contos de fadas, sendo esses últimos os que se mostraram mais apropriados à execução da tarefa por duas razões especiais: possuem um conteúdo onírico latente que corresponde às aspirações frustradas de uma certa camada social, que, por peculiaridades, está condenada à inatividade, situação semelhante à compartilhada pela criança; abriga a presença do elemento mágico.

A literatura infantil somente merece esta denominação quando incorpora as características daquele gênero: presença do maravilhoso; peculiaridades de apresentar um universo em miniatura. Resulta disso uma ampla desconfiança em relação à eventualidade de uma literatura infantil realista. Fica claro o porquê ser a história em quadrinhos frequentemente considerada como produção literária apropriada às crianças -no recurso do super-herói é reproduzido um universo semelhante ao do relato fantástico.

Por essas razões, a história da literatura infantil se confunde com as transformações vividas pelos contos de fadas no século XIX. Havendo a preocupação de dotar os jovens com textos adequados à sua educação, deu-se a elaboração do acervo popular europeu, destacando-se principalmente os Irmãos Grimm nesse processo. Quando a moderna pedagogia passou a enfatizar uma formação emancipatória das crianças, a literatura infantil respondeu com textos renovados que buscam a criatividade infantil, transmitindo aos leitores sua mensagem progressista. Por outro lado, a recíproca é também verdadeira, pois ambos os gêneros evoluem juntos - não se consegue pensar a narrativa de fadas fora do âmbito da literatura infantil.

Visando a integração ao meio burguês ou à liberação e à criatividade, a literatura infantil sempre evidencia a preocupação do adulto com a criança. Trata-se assim de uma comunicação assimétrica, na qual é endossada a influência do adulto sobre a criança, uma vez que colabora na configuração de seus valores ideológicos.

Observa-se, assim, que os livros destinados à infância têm sua origem histórica na adaptação. Por isso, ela transfere em todos os elementos do texto, segundo

Zilberman, utilizando-se de descrição adota-da por Góte Klimberg:

Adaptação do assunto - o escritor se impõe uma restrição no tratamento de certos temas, idéias ou problemas, considerando que as condições de compreensão do receptor são limitadas. É frequente a presença do conteúdo doutrinário com intenção de formar comportamen-talmente o leitor e conduzi-lo à aceitação de determinados valores.

Adaptação de forma. Considerando as condições do leitor, o texto procura um desenvolvimento linear, evitando-se também textos longos.

Adaptação do estilo - o vocabulário e a formulação sintática não costumam exceder o domínio cognitivo do leitor. São, em geral, estruturas próprias à expressão oral, dando-se o predomínio da oral idade sobre a linguagem escrita, somado à supremacia da expressividade afetiva sobre a conceptual.

Adaptação ao meio. O lugar da adaptação na literatura infantil é de natureza estrutural, na medida em que atinge todos os seus aspectos e determinam o tratamento do enredo, do estilo, da aparência do livro e tudo o mais que o compõe. Daí a presença de ilustração e tipos gráficos graúdos, assim como a escolha de um determinado formato e tamanho, enfim, o aspecto externo do livro é condição básica de atração pela obra.

Após essa análise, a autora tenta avaliar a história da literatura nacional, chegando a algumas conclusões, tais como:

As primeiras criações nacionais advêm da mesma preocupação que norteou o início da chamada literatura infantil no ocidente. Tratava-se de dotar o jovem com textos condizentes às necessidades de sua formação. Interessante é que foi um europeu quem procedeu a essa tarefa. Cari Jansen, radicado primeiramente no Rio Grande do Sul e, depois, no Rio de Janeiro, estimulou o desenvolvimento de uma cultura nacional, enquanto participou do grupo "O Guaíba", em Porto Alegre, e mais tarde, como mestre do Colégio Pedro II. Traduziu e adaptou os clássicos para a juventude como "As mil e umas noites", "As aventuras do Barão de Munchhausen", "As viagens de Gulliver", "Robson Crusóé", entre outros. Porém, o que não ocorreu entre nós, foi o aproveitamento da tradição folclórica brasileira para a constituição dos textos juvenis, de modo que eles careceram de uma temática nacional. Embora a fase de formação da literatura infantil ainda se desse sob a égide do Romantismo, as aspirações nativistas do movimento não atingiram esse tipo de criação artística. Ao contrário, ao lado das adaptações de Cari Jansen, houve a utilização do conto de fadas europeu, particularmente o ibérico, que passou a circular nas antologias na modalidade "Contos da Carochinha" como nos livros de Figueiredo Pimentel. A seu lado, acrescenta-se o aparecimento de alguns livros de natureza didática, sobretudo de educadores e religiosos, nos quais se verificam, acima de tudo, o intuito pedagógico, introdutor de valores e normas de conduta.

É com Monteiro Lobato que se rompe, ou pelo menos, começa-se a ser rompido o círculo de dependência aos padrões provindos da Europa, principalmente no que diz respeito à tradição folclórica. Valorizando a ambientação local predominante à época - a pequena propriedade rural -

Monteiro Lobato constrói uma realidade ficcional coincidente com a do leitor do seu tempo, e inventa o Sítio do Picapau Amarelo. Além de se apropriar de personagens nacionais, também cria uma mitologia autônoma que se repete em quase todas as narrativas. Utilizando-se de crianças como heróis, possibilita uma identificação imediata com o leitor, sendo um dos fatores do seu êxito literário. É peculiar o trato dado à presença do adulto no seu texto. Existem apenas dois destacados seres mais velhos, Dona Benta e tia Nastácia, sendo que a experiência, maturidade e responsabilidade, enquanto propriedades do adulto, são atributos exclusivos da primeira. A avó, e mesmo assim, com singularidade: não desempenha a função paterna. Nessa medida, Monteiro Lobato preserva um papel fiscalizador e de sustentação financeira, sem a conotação problemática que a relação entre pais e filhos necessariamente contém. A seguir, a autora tece outros desdobramentos acerca da obra lobatiana.

Este, a nosso ver, é um texto que traz contribuições para a compreensão da obra literária para as crianças, em especial, a nacional, oferecendo um outro paradigma de análise - o histórico com imposições ideológicas - da gênese e desenvolvimento da literatura infantil. O texto de Zilberman, desse modo, põe elementos que contribuem para o entendimento das possibilidades da representação da estrutura da realidade social, diferente das mais conhecidas análises de Bruno Bettelheim acerca da estrutura psicanalítica dos tradicionais contos de fadas.

Mary de Andrade Arapiraca

'Professora Adjunta da FACED